

**O ENLACE DA
CIVILIDADE
NO ARQUIVO
DE BRASILIDADE:
OS PRIMEIROS DIAS
DO GOVERNO LULA
PELA PERSPECTIVA
DAS RELAÇÕES DE
SABER E PODER
EM FOUCAULT**

EL ENLACE DE LA CIVILIDAD EM EL ARCHIVO DE BRASILIDAD: LOS PRIMEROS DÍAS DEL GOBIERNO DE LULA DESDE LA PERSPECTIVA DE LAS RELACIONES DE SABER E PODER EN FOUCAULT

CIVILITY LINK IN THE FILE OF BRAZIANITY: THE EARLY DAYS OF THE LULA GOVERNMENT FROM THE PERSPECTIVE OF KNOWLEDGE AND POWER RELATIONS IN FOUCAULT

Pedro Henrique Varoni de Carvalho*

Universidade Federal de São Carlos

RESUMO: O artigo analisa a produção de enunciabilidades e visibilidades nas cerimônias da posse de Luís Inácio Lula da Silva para o seu terceiro mandato como presidente do Brasil, em janeiro de 2023. As imagens da posse do novo presidente com representantes da sociedade civil subindo a rampa se articulam com o discurso do Ministro dos Direitos Humanos e da cidadania, Silvío Almeida. A inscrição em outra ordem do discurso, depois da eleição disputada com Jair Bolsonaro, revela domínios de memória de uma brasilidade moderna, que se dá a ver nas artes e na canção. A destruição de objetos artísticos nas sedes dos três poderes por vândalos bolsonaristas, que se seguiu à posse de Lula, demonstra a não identificação do eleitor bolsonarista com essa matriz. A partir desses

*Professor do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFSCar. E-mail: pedrovaroni@ufscar.br.

acontecimentos discursivos pretendemos pensar a convivência tensa entre duas matrizes da brasilidade, uma de ordem modernista, antropofágica e outra liberal escravocrata, que permeiam, de forma descontínua, nossa experiência histórica mais recente. O método de análise é do arquivo foucaultiano.

PALAVRAS-CHAVE: Lula. Terceiro mandato. Modernidade. Arquivo. Brasilidade.

RESUMEN: El artículo analiza la producción de enunciabilidades y visibilidades en las ceremonias de investidura de Luís Inácio Lula da Silva para su tercer mandato como presidente de Brasil en enero de 2023. Las imágenes de la investidura del nuevo presidente con representantes de la sociedad civil subiendo la rampa se articulan con el discurso con del Ministro de Derechos Humanos y Ciudadanía, Silvio Almeida. La inscripción en otro orden del discurso, después de la elección disputada con Jair Bolsonaro, revela dominios de memoria de una identidad brasileña moderna, que se manifiesta en las artes y en la canción. La destrucción de objetos artísticos en las sedes de los tres poderes por vándalos bolsonaristas, que siguió a la investidura de Lula, demuestra la falta de identificación del electorado bolsonarista con esa matriz. A través de estos eventos discursivos, pretendemos reflexionar sobre la convivencia tensa entre dos matrices de la identidad brasileña, una de orden modernista y antropofágica, y otra liberal y esclavista que impregnan, de manera discontínua, nuestra experiencia histórica más reciente. El método de análisis utilizado es el archivo foucaultiano.

PALABRAS CLAVE: Lula. Tercer mandato. Modernidad. Archivo. Brasilidad.

ABSTRACT: The article analyzes the production of enunciabilities and visibilities in the inauguration ceremonies of Luís Inácio Lula da Silva for his third term as President of Brazil in January 2023. The images of the new president's inauguration with representatives of civil Society ascending the ramp are articulated with the discourse of the Minister of Human Rights and Citizenship, Silvio Almeida. The inscription in another order of discourse, following the contested election with Jair Bolsonaro, reveals domains of memory of a modern Brazilian identity, evident in the arts and song. The destruction of artistic objects in the headquarters of three branches of government by Bolsonaro supporters, which followed Lula's inauguration, demonstrates the lack of identification of Bolsonaro voters with this matrix. Through these discursive events, we intend to consider the tense coexistence between two matrices of Brazilian identity- one modernista and anthropophagic, the other liberal and slave-owning- that permeate, in a disjointed manner, our most recent historical experience. The analytical method employed is the Foucauldian archive.

KEYWORDS: Lula. Third term. Modernity. Archive. Braziliness.

1 O NOVO NA VOLTA DA FORMAÇÃO HISTÓRICA LULISTA

As eleições de 2022 no Brasil sinalizaram uma reviravolta no projeto ditatorial em curso, protagonizado pelas forças da extrema direita e representado pela figura do Presidente Jair Bolsonaro. Mudança que não se deu de maneira pacífica. Como se tornou público, Luís Inácio Lula da Silva, eleito para o seu terceiro mandato, enfrentou nos primeiros dias de governo a tentativa de um golpe de estado na invasão da sede dos três poderes em Brasília por milhares de pessoas, com a convivência de setores das forças armadas e de segurança do Distrito Federal. Foi o ápice de uma série de ataques à democracia que tiveram curso nos anos do governo Bolsonaro, uma demonstração de que a vitória de Lula nas urnas não é sinônimo de pacificação das constantes tentativas de quebra da ordem institucional, tornando complexos os exercícios de previsão de possíveis desdobramentos.

Para evitar que esse texto se torne anacrônico no curso dos acontecimentos, gostaríamos de circunscrever nosso foco a um aspecto específico dos primeiros dias do governo Lula que parece um período privilegiado para se perceber a demanda por estratégias capazes de transformar a ordem dos discursos, considerando a forma como a produção de visibilidades e de enunciabilidades (Deleuze, 2017) funcionaram como uma interessante reação ao ambiente de degradação dos poderes institucionais vivenciados nos últimos anos. Operando nos espaços simbólicos dos equívocos de Bolsonaro e seus seguidores, Lula lançou luz sobre aspectos que restituíram alguma civilidade num ambiente de disseminação do ódio como prática discursiva. Os enunciados funcionam, de acordo com Foucault (2004), como um nó numa rede. O que se viu, nos primeiros dias de governo de Lula, foi a atualização de memórias relativas a um projeto de brasilidade ancorado no processo de modernização do país de onde emerge sua liderança política. Estratégia indissociável das disputas pelos discursos e que reflete o ambiente tenso provocado pelos acontecimentos. O nosso ponto de vista diz respeito às relações simbólicas da posse com as representações culturais: os setores populares que subiram

a rampa com o presidente, as manifestações musicais na festa e os atos de terrorismo que se seguiram, cujos alvos preferenciais foram os símbolos do poder institucional e objetos artísticos no cenário da capital modernista criada por Oscar Niemayer e Lúcio Costa. Esse conjunto de acontecimentos explicita as diferentes visões de país em jogo, uma de ordem modernista, tropicalista, antropofágica e outra conservadora, intolerante, racista e xenofóbica, cujas origens históricas remetem à uma ordem liberal/escravocrata e reacionária, denominada por Tales AB Saber (2022) como antimoderna. Entre polos opostos existem gradações que precisam ser integradas não apenas ao projeto de poder de Lula, mas à própria ideia de democracia. A questão que se coloca é o quanto será possível incorporar, no plano simbólico, setores dissidentes desse projeto político-cultural, particularmente aqueles advindos dos núcleos religiosos neopentecostais e ligados a certas representações do agro, cujo equivalente cultural é a estética da canção sertaneja. A ligação mais sutil com símbolos da brasilidade vai além, no nosso entendimento, de uma questão da estratégia de comunicação ou marketing (também presente nos eventos que serão descritos). Dizem respeito à produção de subjetividades, a forma como os sujeitos se constituem na sua relação entre a micropolítica e a macropolítica. As forças que estão por trás da vitória de Lula são múltiplas, heterogêneas, mas parecem indicar a retomada, no fio do discurso, de certa representação de país, revisitada e transformada pelos acontecimentos recentes.

Buscamos, assim, as relações de identificação com os signos culturais no arquivo de brasilidade (Carvalho, 2015), procurando retomar as linhas descontínuas da volta de Lula ao poder a partir de questões que foram postas nos seus dois primeiros mandatos. Não nos interessa aqui, a não ser de forma residual e contextual, discutir aspectos como sua prisão, o golpe jurídico-político-midiático do impeachment de Dilma Rousseff. Mas perceber, sobretudo, como a volta ao poder de Lula dialoga com a memória de aspectos simbólicos – ligados ao campo cultural – de suas gestões anteriores e como, a partir delas, se dão, ao mesmo tempo, espaços de identificação com certa tradição da brasilidade e rejeição por setores que não estão integrados à ela. No centro está o espaço de resistência ao projeto autoritário em curso, felizmente vencedor nas eleições.

O nosso caminho metodológico é mapear alguns acontecimentos dos primeiros dias de governo, nos detendo na produção de imagens e enunciados, para ver neles as marcas da inscrição em outra ordem dos discursos. Para isso, nos valem da arqueologia e genealogia foucaultiana (Foucault, 2004), sobretudo considerando a interpretação que Deleuze empreende da obra de Foucault em um conjunto de aulas intitulado *As Formações Históricas* (Deleuze, 2017).

O movimento reativo de desconstrução do bolsonarismo se intensificou na campanha eleitoral de 2022, como indignação contra as políticas genocidas do mandatário durante a pandemia, aos ataques à democracia, ao meio-ambiente, ao aumento da pobreza e da fome. Ganhou intensidade, porém, nos ritos da posse de Lula, diante da negativa do derrotado nas urnas em passar a faixa ao sucessor - o que acentuou a dicotomia entre civilidade e barbárie. Na política não existem espaços vazios, costumam dizer os entendidos. Era preciso que Lula respondesse à altura. As circunstâncias da sua posse como Presidente do Brasil tornaram possível um *tour de force* na execução das estratégias discursivas. Há dois aspectos principais que gostaríamos de realçar nessa movimentação de Lula.

O primeiro é a articulação entre visibilidades e enunciabilidades (Deleuze, 2017) como fator que buscou constituir outra relação de saberes e poderes a partir do terceiro mandato do presidente. Nossa hipótese é que a produção de visibilidades - cujo correlato é a difusão de imagens nas diferentes mídias- ocupou um lugar central na estratégia discursiva de Lula.

O segundo aspecto diz respeito a filiação desse discurso a certos elementos da brasilidade, silenciados e violentados no governo Bolsonaro. É sintomático o fato de que objetos artísticos de matriz modernista tenham sido alvo dos vândalos que invadiram as casas dos três poderes. O que demonstra não ser essa uma questão periférica, na medida em que diz respeito a diferentes concepções de país, em diálogo com a nossa memória cultural, de alguma forma sinalizadora das disputas em jogo nas eleições de 2022 e dos embates que se fazem presentes em seus desdobramentos.

A questão mobiliza, de um lado, a noção de arquivo de matriz foucaultiana e, de outro, a reflexão empreendida por Deleuze (2017) sobre a relação entre enunciados de natureza linguística e visibilidades. Reflexão essa que se dá a partir da convergência entre formações históricas, saberes e poderes na obra de Michel Foucault. Por ora, vamos nos deter, brevemente, na forma como Deleuze (2017) pensa os regimes de enunciabilidade e visibilidade tomando por referência Foucault. Essa discussão ajuda-nos a selecionar,

na intensidade dos acontecimentos da posse de Lula, os recortes que nos interessam como exemplos da estratégia petista de revirar o arquivo de brasilidade, a partir do que foi objeto de silenciamento, violência física e simbólica nos anos Bolsonaro. Uma espécie de retorno do oprimido. Cada tempo e contexto têm seus regimes de discursividades, capazes de tornar possíveis que algumas coisas sejam enunciáveis e outras não. Esse conjunto de saberes se insere em relações de poder. Deleuze (2017) chama atenção para a perspectiva relacional da abordagem de Foucault: poderes e resistências permeiam toda a vida social, não se trata, nesses termos, de uma relação estável entre dominantes de um lado e dominados de outro.

Na busca por definir o que é um saber, Deleuze (2017) propõe uma leitura transversal da obra de Foucault, procurando ver em textos como “Vigiar ou Punir” (Foucault, 2008) os desdobramentos de uma proposta de investigação, cujos pressupostos estão na Arqueologia do Saber (Foucault, 2004). O saber, nessa visada, é a relação entre os regimes de enunciabilidade e visibilidade, que são, por natureza, disjuntivos. “Não vemos jamais aquilo de que falamos e não se fala jamais daquilo que vemos.” (Deleuze, 2017, p. 31). A proposta arqueológica passa pelas capturas mútuas entre os dois regimes de natureza heterogênea.

As palavras, frases e proposições são manifestações de poder, assim como a visibilidade dos objetos é determinada por regimes de luz, aquilo que é dado a ver em cada tempo histórico. Logo, não são os objetos e nem os signos linguísticos que estão no centro da busca arqueológica, mas os regimes de dizibilidade e visibilidade que tornam possível seu aparecimento. É preciso ouvir os gritos sobre o visível e, inversamente, arrancar as palavras das cenas visíveis. Não são relações pacíficas, já dadas, adverte Deleuze (2017). São combates, capturas mútuas, relações complementares que definem o jogo entre o que é dado a ver e o que se diz em cada contexto social. “Assim que houver uma variação do regime de enunciados e do campo de visibilidades, podemos dizer que entramos em outra formação histórica” (Deleuze, 2017, p. 37). A vitória de Lula representou, como veremos, esse momento.

Do ponto de vista das análises, o procedimento em relação às visibilidades é análogo ao dos regimes de enunciados. É preciso extrair os enunciados das palavras, nos diz Deleuze (2017), como fazemos ao quebrar a ostra para retirar a pérola. Para isso, é necessário se ater a aspectos como o domínio associado com outros enunciados, a memória, a constituição dos sujeitos que podem ou não falar, a função enunciativa. Trabalho que se faz de maneira indissociável das relações de poder que tornam possíveis o surgimento de alguns enunciados e não outros em seu lugar. As imagens, por sua vez, também indicam os regimes de visibilidade, os enquadramentos, os elementos sobre os quais se lança luz (ou permanecem na sombra em cada tempo histórico). As mudanças históricas se dão nessa perspectiva, como em *Vigiar e Punir* (Foucault, 2008): do lado dos enunciados, o discurso da delinquência, do lado das visibilidades, a construção dos presídios.

Para Deleuze (2017), a forma do saber está nesse encontro improvável entre o que se diz e o que se mostra. O poder, ao contrário, é uma força, não tem forma, mas atua nos espaços que autorizam determinados dizeres (e visibilidades) e outros não. A proposta de Deleuze (2017) elucida o método de análise, uma vez que além dos aspectos que envolvem o surgimento do enunciado linguístico, chama atenção para a necessidade se ater a outras relações, entre as imagens produzidas na sociedade e aquilo que se diz. É desses embates e capturas mútuas do que é por natureza disjuntiva que se dá a relação entre discursos e práticas.

O gesto de análise arqueológica ganha, na leitura de Deleuze (2017), a busca por identificar as relações entre o que uma sociedade mostra (torna visível) e o que se diz. É uma mudança de perspectiva com um forte impacto na aplicação da arqueologia foucaultiana na análise dos objetos, na medida em que reúne elementos para pensar a relação entre os signos de natureza linguística e as imagens. Toda mudança de ordem macropolítica, como a que acontece no Brasil após a eleição de Lula, implica na transformação da ordem dos discursos, na busca pela instauração de novos regimes de dizibilidade e visibilidade, logo o ingresso em outra formação histórica. As condições contextuais de enfrentamento das forças da extrema direita criam um cenário singular, propício para perceber essa articulação entre os enunciados e a produção de visibilidades. Uma estratégia do discurso político, no sentido dado por Michel Foucault (1995, p. 248), compreendendo os modos de ação sobre a ação possível. Nos seus primeiros dias de governo, Lula e sua equipe parecem ter tido a sensibilidade para esse aspecto. É preciso falar, explicar, restaurar uma dimensão lúdica e criativa da brasilidade como diferencial. “Somos o país do carnaval, do samba” (Lula, 2023, paginação irregular), diz ele em entrevista à jornalista Natuza Nery, da Globo News, em meio a considerações sobre mudanças políticas, econômicas, ambientais. É preciso também mostrar, produzir imagens que restituem os laços de um imaginário fraturado nos últimos anos.

Podemos observar o funcionamento entre os regimes de enunciabilidade e de visibilidade em dois acontecimentos dos primeiros dias de governo. As imagens de Lula subindo a rampa com representantes do povo brasileiro e alguns trechos do discurso de posse do Ministro dos Direitos Humanos e da Cidadania, Sílvio Almeida. Vamos nos deter a esses conteúdos antes de considerar os atos terroristas protagonizados pela extrema direita. Iniciemos pelo trecho do discurso do Ministro:

Trabalhadoras e trabalhadores do Brasil, vocês existem e são valiosos para nós.

Mulheres do Brasil, vocês existem e são valiosas para nós.

Homens e mulheres pretos e pretas do Brasil, vocês existem e são valiosos para nós.

Povos indígenas deste país, vocês existem e são valiosos para nós.

Pessoas lésbicas, gays, bissexuais, transsexuais, travestis, intersexo e não binárias, vocês existem e são valiosas para nós.

Pessoas em situação de rua, vocês existem e são valiosas para nós.

Pessoas com deficiência, pessoas idosas, anistiados e filhos de anistiados, vítimas de violência, vítimas da fome e da falta de moradia, pessoas que sofrem com a falta de acesso à saúde, companheiras empregadas domésticas, todos e todas que sofrem com a falta de transporte, todos e todas que têm seus direitos violados, vocês existem e são valiosos para nós. (Almeida, 2023)

A força do pronunciamento é potencializada pelo fato do Ministro ser um intelectual negro, com uma trajetória que enfatiza os aspectos históricos que se contrapõem ao modo perverso de funcionamento da sociedade brasileira. Sílvio Almeida fala do centro do poder, em Brasília, de terno e gravata e suas palavras remetem às imagens de pessoas do povo brasileiro, compreendendo desde aspectos da desigualdade social até às questões de gênero e raça, promovendo um arco de inclusão pela afirmação de que o novo estado brasileiro reconhece a existência desses sujeitos. Se, como nos diz Deleuze (2017), é preciso extrair as imagens das palavras, o que temos com o enunciado do novo Ministro é a luz sobre os sujeitos invisibilizados e vítimas da violência histórica, enumerados na sua fala pausada e assertiva e no efeito de repetição do sintagma: “vocês existem e são valiosos para nós”.

Consideremos, agora, a produção de visibilidades. Diante da negativa de Jair Bolsonaro em passar a faixa para o vencedor das eleições, Lula subiu a rampa do palácio do Planalto, no dia 01 de janeiro de 2023, com representantes do povo brasileiro: Aline Souza, Dirigente da Central das Cooperativas de Trabalho de Catadores e Materiais Recicláveis; Cacique Raoni, no auge dos seus 90 anos; o artesão Flávio Pereira, que participou das vigílias durante o período em que Lula esteve preso em Curitiba; o menino Francisco, de 10 anos, morador de Itaquera, na periferia paulista; Ivan Baron, jovem potiguar ativista da luta anticapacitista; Jucimara Santos, cozinheira da Universidade Estadual de Maringá; Murilo Jesus, professor de Letras Português e Inglês; Wesley Rocha, metalúrgico; além da primeira-dama Janja, com a cachorra do casal, Resistência.



Imagem 1: posse de Lula, janeiro de 2023

Fonte: Agência Brasil EBC

É possível pensar a produção de um saber sobre o novo governo a partir das relações entre o que enuncia Silvio Almeida e o que se dá a ver no ato simbólico da subida da rampa na posse de Lula. As palavras do Ministro atestam a afirmativa da existência de sujeitos invisibilizados (e de alguma forma violentados) no governo Bolsonaro: trabalhadores, homens e mulheres pretos, indígenas, travestis, intersexo, não binários, pessoas em situação de rua, com deficiência, idosos, anistiados, vítimas da violência, da fome, da falta de moradia, transporte, sem acesso aos sistemas de saúde, empregadas domésticas, pessoas em situação de rua. Há uma estratégia de reconhecer a existência que se reforça no ato simbólico de subir a rampa com aqueles para os quais – e com os quais – se governa. As imagens da posse e os enunciados do novo ministro se encontram como linhas descontínuas da constituição de um saber sobre o novo governo, indicam a passagem à outra formação histórica. Importa pensar, como veremos, a relação dessa formação histórica com a memória dos primeiros mandatos do governo Lula.

Existe, porém, outro aspecto a ser considerado: a relação entre a produção desses saberes e os poderes. Numa situação de normalidade, o ato de ter vencido as eleições (e tomado posse) é um indicativo de uma nova ordem do poder macropolítico caracterizada pela oposição ao instituído pela extrema direita que deixa o cargo, cuja ênfase era centrada na prioridade aos fluxos do capital, na perda de direitos trabalhistas, na negação das subjetividades não normativas, nos ataques ao meio-ambiente e à população indígena, na facilitação do acesso e posse de armas, no negacionismo científico, no estímulo ao poder paralelo de matriz miliciana, na ausência de políticas culturais e projetos de educação, na disseminação massiva de desinformação, dentre outros elementos de difícil enumeração, mas que atestam a barbárie dos últimos anos. O que existe, nas palavras de Silvio Almeida, é o que foi invisibilizado e violentado pelo projeto fascista de poder.

O que se assistiu, porém, na sequência foi o ato terrorista da invasão do centro do poder: o palácio do planalto e as sedes do legislativo e judiciário. Um regime de visibilidade que reproduziu, não por acaso, as imagens da tomada do Capitólio diante da derrota de Donald Trump nas eleições americanas de 2020. É interessante observar, entretanto, que essa não é a relação de poder que interessa ao pensamento de Foucault, na medida em que sua manifestação é a violência. “O modo de relação de poder não deveria, portanto, ser buscado, ao lado da violência [...], porém ao lado ao modo de ação singular - nem guerreiro, nem jurídico - que é o governo” (Foucault, 1995, p. 244). A violenta tentativa de golpe de estado parece, antes, uma atitude de desespero, diante das mudanças em curso, dos saberes que se constituem como poderes, a partir de existências negadas ou negligenciadas no tom bélico do governo que deixa o poder, um sintoma de crise de governamentalidade. É também o ponto culminante, como visibilidade, da retórica do ódio e guerra cultural, reproduzindo, em outra esfera, as violências do processo eleitoral¹. Não reconhecer, entretanto, o vandalismo delirante como jogo de poder, não atenua o sentido da violência, apenas o circunscreve como ato de desespero- uma tentativa de golpe-, ali onde as outras estratégias falharam justamente porque, sob Bolsonaro, se distanciavam de certa tradição da brasilidade modernista.

O poder, de acordo com Foucault (1995), é ação sobre ação, não as formas de agir sobre os outros. Nesse sentido, a resposta de Lula foi rápida, considerando a dimensão simbólica do espaço da subida da rampa. A reação ao terrorismo se deu pela força do estado (prisões e investigações) que não cabem detalhar aqui. No dia seguinte aos ataques terroristas no congresso, Lula se reuniu com todos os governadores da federação, representantes do Judiciário e Ministros de Estado. Após o encontro, o Presidente caminhou com os representantes dos três poderes, do Palácio do Planalto até o prédio do Supremo Tribunal Federal. Dois dias depois, tomaram posse a Ministra dos Povos Originários, Sonia Guajajara e a Ministra da Igualdade Racial, Anielle Franco. Mais de mil pessoas assistiram ao vivo a cerimônia ao som de batuques e música indígena e do Hino Nacional Brasileiro cantado na língua Tikuna.

A ênfase dessa vez foi nos aspectos institucionais, diante da tentativa frustrada de golpe. As divergências dando lugar ao consenso da defesa da democracia e a condenação dos atos violentos, indicando que as disputas de saber/poder se dão no campo institucional. A formação histórica que sustenta os enunciados e imagens das reações de Lula à barbárie tem, evidentemente, um aspecto civilizatório e indica uma outra forma de funcionamento do arquivo de brasilidade, algo que não se dá, como veremos, de maneira consensual. Como nos alerta Foucault (2004), o novo não está no que é dito, mas no acontecimento em sua volta.

¹ Entre os casos de violência no processo eleitoral, vale registrar o do eleitor petista que foi assassinado em Foz do Iguaçu- PR, quando comemorava os seus 50 anos, com decoração alusiva à candidatura de Lula. Fato noticiado em vários veículos de mídia.

As duas imagens de Lula subindo a rampa - com os representantes do povo e dos poderes institucionais - são reveladoras da dicotomia observada por Boaventura de Souza Campos (2023) em relação aos ataques à democracia e sua relação com uma associação entre a extrema direita americana e brasileira. A luta pela sobrevivência da democracia passa a ser prioritária, concentrando as energias para administrar as tentativas de ataque, o que, de alguma forma, dificulta o seu florescimento. Essa diferença entre sobrevivência e florescimento pode ser pensada nas duas imagens dos primeiros dias de governo Lula. A visibilidade do povo acompanhando Lula nas imagens de posse sugere o florescimento da democracia (em sua dimensão de inclusão simbólica e histórica de setores historicamente aliados do processo). A imagem seguinte aos ataques às sedes do poder, em que Lula se faz acompanhar pelos representantes das instituições, revela o foco na sobrevivência.

A batalha, ao menos até as eleições americanas de 2024, será pela sobrevivência, mais do que pelo florescimento. A questão que se coloca é o quanto é preciso florescer para sobreviver e a relação desses aspectos com o fio do discurso da brasilidade popular e modernista que deu origem ao movimento político do Lulismo, no espaço entre o que representou no passado e o poder que pode representar na atualidade. É uma disputa que se dá entre as condições de enuciabilidade e funcionamento do arquivo de brasilidade.

2 DISPUTAS NO ARQUIVO DE BRASILIDADE: A VOZ DA FALA DA CANÇÃO

Os anos Bolsonaro representaram a negação de uma brasilidade popular, mestiça e moderna, dando lugar a novas práticas, baseadas nos cultos neopentecostais, na proliferação de armas para a defesa do “cidadão de bem”, no conservadorismo dos costumes. É uma ilusão, evidentemente, pensar que a representação encenada no início do governo Lula como estratégia de novas discursividades – fazendo falar e ver o que foi negado ou silenciado - não enfrente resistências. As forças conservadoras e reacionárias continuam presentes - e nem foram criadas na gestão de Bolsonaro, sua dimensão histórica é uma das linhas constitutivas da brasilidade, com seu processo escravista prolongado, antimoderno (Saber, 2022). As linhas de descontinuidade apontam para uma retomada das questões postas pelos antigos governos petistas, mas que encontram um novo país, atravessado pela radicalização dos fluxos discursivos conservadores nos últimos anos, tornados enunciáveis e visíveis.

Desde o impeachment de Dilma Rousseff, passa a existir um protagonismo das forças reacionárias, empurrando para as sombras as mutações sociais do período petista. Esses aspectos são relevantes para que se entenda as forças em jogo no ritual da posse de Lula. Estamos diante de duas forças simbólicas da brasilidade, como observa Francisco Bosco (2023). O desafio do Presidente Lula é integrar os segmentos sociais aos sentidos mais singulares da cultura brasileira, diversa, popular, modernista e cosmopolita. “A médio prazo, resta tentar integrar dezenas de milhões de pessoas que não se reconhecem como parte desse majestoso leito cultural”. A destruição de obras de arte no Palácio da Alvorada surge como sintoma dessa falta de identificação com a própria casa, a sede dos poderes constituídos.

Ocorre que o bolsonarismo também tem sua face cultural. Bosco (2023) vê no ataque às obras de arte de Di Cavalcanti, Victor Brecheret, Burle Marx, Bruno Giorgi e Frans Krajcberg - vandalizadas, destruídas, mijadas - o sintoma desse mal-estar cultural. O que teria levado os terroristas bolsonaristas a expandir sua fúria sobre essas obras de arte? “O patriota bolsonarista compartilha, sabendo-o ou não, de uma concepção cultural que não o identifica com a formação mestiça, modernista, antropofágica da cultura brasileira.” (Bosco, 2023, paginação irregular) Por isso, a urina sobre obras que representam a modernidade, cujas promessas não cumpridas são a fonte do ressentimento. O desafio, conclui Bosco (2023), é integrar – tanto quanto os vulneráveis sem dignidade econômica e social – os grupos que não se identificam com a cultura mestiça, modernista e cosmopolita, do samba, das elipses no futebol, das artes plásticas, da literatura.

As características culturais descritas por Bosco associadas à Lula podem ser pensadas, em perspectiva foucaultiana, no contexto do arquivo de brasilidade (Carvalho, 2015). A noção de arquivo em Foucault se define pelo sistema geral de formação e transformação dos enunciados (Foucault, 2004, p. 149-150). Seguindo a proposta de articular as relações entre os regimes do dizer e as visibilidades, Deleuze considera o arquivo fundamentalmente “audiovisual” (Deleuze, 2017, p. 36), por derivar da identidade entre o saber e a formação histórica. Ao analisar as relações entre as políticas culturais do primeiro mandato de Lula, conduzidas pelo então Ministro Gilberto Gil, formulamos a ideia de arquivo de brasilidade (Carvalho, 2015) para pensar essa espécie de trânsito entre o tropicalismo

musical e a política institucional. A retomada desse ponto se justifica porque ajuda a explicar as linhas de continuidade entre aquele momento e esse.

A exaustividade do arquivo é um risco que o analista deve evitar na medida em que é a problematização das pesquisas que define o recorte histórico, as séries a serem analisadas. O nosso recorte no universo da brasilidade se deu em torno da canção popular surgida no final dos anos 1960, como relação de saber e poder, no trânsito entre o poético, o político e o midiático. O surgimento do tropicalismo significou, nesse contexto, a emergência de novas enunciabilidades e visibilidades, baseadas na relação entre tradição e modernidade, na exposição de nossas contradições e ao mesmo tempo uma afirmação dessas potencialidades, sendo, nesse sentido, uma atualização do modernismo. A ida de Gilberto Gil para o Ministério da Cultura durante o primeiro governo Lula assinala o deslocamento desse saber/poder para o campo político institucional, dando cores tropicalistas à imagem de Lula, inclusive na dimensão de sua aceitação como grande líder mundial.

A relação entre a política e a canção popular – a voz que canta na voz que fala e também o seu oposto – é capaz de revelar camadas do discurso político, sobretudo na passagem do simbólico ao imaginário. A canção dialoga com a política, estabelecendo ritmos de governamentalidade na confluência entre o que se diz e a forma de dizer. Não por acaso, Juscelino Kubitschek foi chamado de presidente bossa-nova. O processo de modernização encontra no refinamento musical do movimento surgido na zona sul carioca sua representação, ao mesmo tempo elitista e sofisticada. Há um desencontro entre o poder de resistência das canções e sua penetração como elemento de transformação social se pensarmos nas desigualdades que caracterizam o nosso processo civilizatório. “É assim que vamos, nossa classe média culta e elite, ao carnaval e à Bahia. E é assim que o grande samba impacta nossa bossa-nova e retorna aos nossos salões culturais, onde pobres e negros continuam nos servindo” (Ab Sáber, 2022, p. 33).

Tales Ab Saber (2012) percebe na representação musical do lulismo uma ruptura com essa tradição refinada, intelectualizada bossa-novista e retoma as discussões políticas de final dos anos 1960, particularmente uma cena de *Terra em Transe*, filme de Glauber Rocha, em que um intelectual jornalista (interpretado por Jardel Filho) tapa a boca de um líder sindical, diante da suposta ignorância política dele. Essa cena guarda relação com a ascensão de Lula ao poder, um homem da prática, cujo equivalente musical não é a canção bem-comportada da geração dos anos 1960, mas o rap paulista, representado pela figura de seu grande poeta, Mano Brown. A emergência de uma voz daqueles alijados do processo histórico é reveladora dos erros de uma esquerda bem-intencionada, mas que buscava falar no lugar do outro, como se dava no projeto pedagógico de parte da juventude de classe média intelectualizada dos anos 1960.

Uma das rupturas tropicalistas, no contexto do seu surgimento no final dos anos 1960, é a legitimação de fenômenos da cultura de massa popular, como a música brega, de forma a valorizar a poética popular e destruir as divisões entre o bom e o mau gosto, embora esse gesto tenha se dado em sofisticada elaboração musical e poética. É sintomático desse movimento, a intuição de Gilberto Gil ao assistir, na época, no interior de Pernambuco, uma apresentação da Banda de Pifanos de Caruaru e a associar à vitalidade do jovem rock inglês, representado pelos Beatles. Essa visão de uma valorização da cultura popular como forma de expressão a ser difundida e midiaticizada, fugindo da dimensão folclórica ou pedagógica é a singularidade tropicalista, contra o empobrecimento da linguagem, como afirmava Caetano Veloso no calor do acontecimento.

Luiz Tatit (2004) pensa o gesto estético tropicalista na cultura brasileira pela proposta de assimilação, funcionando, nesse sentido, como polo oposto da bossa-nova, cujo funcionamento se dá pela triagem, a eliminação dos excessos: “O tropicalismo é um gesto de assimilação: precisamos de todas as dicções- comerciais ou não comerciais- para que a linguagem funcione em sua plenitude.” (Tatit, 2004, p. 89). Um gesto estético que tem algo a dizer ao momento político presente.

A ascensão de Lula ao poder, no início do século, depois de três tentativas frustradas, se deu, como se sabe, com a suavização de sua imagem, do “sapo barbudo” para o “Lulinha paz e amor”. A ponte simbólica tropicalista cumpriu, na ida de Gilberto Gil para o Ministério, um papel nessa estratégia considerando, inclusive, as políticas culturais descentralizadas, retomando, em outra chave, o espaço de circulação da cultura popular, representada pela Banda de Pifanos de Caruaru, bem como o das forças da assimilação. E fazendo do novo Ministro uma espécie de embaixador do Soft-Power, cantando, por duas vezes, no plenário da ONU, reforçando a experiência brasileira da diversidade cultural, mas, de alguma forma, esvaziando a crítica do processo violento de nossa formação,

que mostrou sua face na segunda década do século XXI. A ênfase ao aumento de renda e consumo do período lulista não teve a contrapartida cidadã necessária.

Esse ponto está no centro de um livro recente de Tales Ab Sáber (2022) que diz respeito às relações entre a cultura popular e seu aspecto ao mesmo tempo emancipatório e ilusório, conforme Francisco Bosco (2022) enuncia no prefácio da obra.

A cultura popular foi afirmada ao longo do século XX como o grande trunfo civilizatório do Brasil, para si e diante do concerto das nações, e serviu como modelo para levas de intelectuais e artistas, que se inspiraram nela para tentar realizar os sonhos de transformação do país. Como se sabe, isso não aconteceu. A cultura popular brasileira permaneceu sendo uma dimensão compensatória, real e extraordinariamente virtuosa em si mesma, mas também ilusória, uma vez que apoiada sobre uma realidade social em tudo contrária a ela. (Bosco, 2022, p. 11).

As imagens dos anos Bolsonaro - as populações sem oxigênio nos hospitais de Manaus, a morte de indígenas, o assassinato brutal de Marielle Franco, jovem e promissora voz política da esquerda, revelam a outra dimensão de nossa sociedade. Como nos faz ver a visada tropicalista, o Brasil é tanto força da cultura popular (como expressão de laços que transcendem a questão cultural para se situar no campo antropológico), quanto cenário de um processo colonialista violento que se tornou explícito nos últimos anos - muito embora setores representativos da sociedade não sejam sensíveis a ele.

É interessante pensar que, sob Bolsonaro, o foco da extrema direita se voltou contra a respeitável geração de cancionistas dos anos 1960, com ataques virtuais e em espaços públicos de artistas como Chico Buarque, Caetano Veloso e Gilberto Gil. De forma paralela, setores representativos do estilo sertanejo universitário manifestaram seu apoio à Bolsonaro, enquanto os representantes da geração dos anos 1960 se engajaram na campanha do retorno de Lula ao governo, compondo o amplo arco de alianças que permitiu sua vitória nas urnas.

Para além das trajetórias individuais de artistas como Caetano Veloso e Chico Buarque, é interessante pensar a forma como a reação a Bolsonaro se deu na articulação, pelo fio do discurso, com o gênero mais representativo de nossa herança cultural e possibilidade de reinvenção: o samba. A onda neoconversadora significou, até mesmo, uma ameaça ao carnaval, um tanto pelas forças reacionárias e outro tanto pela prática do mercado.

A dupla ameaça ao carnaval se estende, como metonímia, à tradição do arquivo de brasilidade, representada pelos valores descritos por Bosco (2023) na sua face modernista, cosmopolita, em que ao invés da mimetização dos modelos americanos (cujo ápice é a invasão dos três poderes emulando o acontecimento do capitólio, em 2021), busca inscrever nossa singularidade como projeto de nação mestiça e diversa, retomando certa tradição do pensamento de Darcy Ribeiro (2006) e da configuração de nossa tradição moderna nas artes, das pinturas de Di Cavalcanti à bossa-nova e ao tropicalismo.

Não por acaso, canções surgidas durante os anos Bolsonaro, compostas por Chico Buarque e Caetano Veloso, tematizam o samba como elemento síntese da resistência ao reacionarismo. Em “Que tal um Samba”, lançada em junho de 2022, Chico Buarque (2022) sugere o ritmo brasileiro para espantar o tempo feio, remediar o estrago, tomar um banho de sal grosso, cair no mar, lavar a alma, criar um filho, numa cidade legal, um filho da pele escura, desconjurar a ignorância, manter o rumo e a cadência. Já Caetano Veloso (2021), em “Sem samba não dá”, lançada antes, em outubro de 2021, saúda a diversidade (num exemplo da assimilação tropicalista) do sertanejo, trap, pagodão, sambonejo, pragobrejo, para concluir que “sem samba não dá, sem samba não dá, sem samba.”

A relação samba e carnaval, ameaçada pelas forças conservadoras, mas também pelo mercado, é trabalhada no conceito desenvolvido por Luís Antônio Simas, “Pelintrações” (Simas, 2020, p. 85). A figura do Zé Pelintra, entidade dos cultos afro-brasileiros que emula o arquétipo do malandro. O seu modo é a “adequação transgressora”, fazendo dessa representação um constante exercício de “equilíbrio gingado” (Simas, 2020, p. 86). O samba e o carnaval dependem historicamente do equilíbrio gingado para negociar com instituições, o estado, a indústria do turismo, a contravenção. “O objetivo do malandro, afinal, não é o de derrotar o oponente, tarefa impossível, mas jogar assumindo o protagonismo do jogo, propondo gramáticas corporais e sonoras que o oponente é incapaz de dominar.” (Simas, 2020, p. 87). Há algo das pelintrações na volta de Lula ao poder e a forma como

precisa lidar com as questões do mercado, do conservadorismo, das práticas fascistas. Esse algo não diz respeito somente à sua trajetória individual - embora ela não possa ser desconsiderada - mas a forma como sua voz política é representativa dessa brasilidade popular de matriz moderna, que nos legou o samba e também a força política lulista.

O que está em jogo na representação da cultura popular são os espaços de resistência a dois fatores – a apropriação pelas forças do mercado e os fluxos conservadores reacionários que buscam esvaziar a experiência comunitária da brasilidade. Nesse sentido, parece-nos muito produtivo o ponto de vista das mediações culturais presente no pensamento de Jesús Martín-Barbero (2021), para quem a comunicação e a cultura se constituem no campo primordial da batalha política.

O mercado não pode sedimentar tradições, pois tudo o que produz “desmancha no ar” devido à sua tendência estrutural a uma obsolescência acelerada e generalizada não somente das coisas, mas também das formas e instituições. O mercado não pode criar *vínculos societários*, isto é, entre *sujeitos*, pois estes se constituem nos processos de comunicação de sentido, e o mercado opera anonimamente mediante lógicas de valor que implicam trocas puramente formais, associações e promessas evanescentes que somente engendram satisfações ou frustrações, nunca porém sentido (Martín-Barbero, 2021, p.15).

Há, portanto, algo dessa questão que se faz presente, na forma como os objetos de arte foram alvo dos vândalos e da necessidade, identificada por Bosco (2022), de uma aproximação com setores que não se identificam com a concepção da modernidade tropicalista. Se para chegar ao poder, Lula, se valeu de alguma forma, do capital simbólico da MPB de gosto intelectualizado entre os elementos de suavização de seu “radicalismo”, agora o desafio é, de alguma forma, ampliar o leque estético e antropológico, dialogando com setores populares que abraçaram o conservadorismo neopentecostal, com as representações culturais do agronegócio, como são os cantores sertanejos. O gesto é muito mais a assimilação tropicalista do que a triagem bossanovista, ao invés de uma batida de frente, um equilíbrio gíngado.

Paira, entretanto, como risco latente na postura do equilíbrio gíngado, a repetição de um erro histórico que está entre os fatores que explicam a ascensão das ideologias pedindo a volta da ditadura: a ausência de julgamento dos crimes de estado durante a ditadura, diante de uma anistia ampla, geral e irrestrita. Dessa vez há se ser diferente, pedem os setores progressistas. “Sem anistia”, é o enunciado que circula nas ruas e redes, inclusive no contexto da posse de Lula. A radicalização do processo violento da tentativa de golpe gerou como contrapartida a reação da força da lei, que, espera-se, irá se estender aos crimes cometidos pelo governo Bolsonaro. Os elementos em jogo acentuam a necessidade de um malabarismo para equilibrar tantos elementos: da necessidade de fazer cumprir a lei, dessa vez sem anistia, ao projeto de integração de resistências ao campo progressista. É, justamente, aí que reside a força do campo cultural como operação simbólica capaz de promover o enlace de civilidade, ao mesmo tempo em que não deve existir recuo no cumprimento da lei.

Entre os ritos da posse de Lula, outro acontecimento dialoga com essa relação das mediações culturais no campo político. É o Festival do Futuro, show de música na praça dos três poderes, no dia 01 de janeiro, em que 60 artistas subiram ao palco num fenômeno “nunca visto nesta magnitude em um evento de política nacional” (Eleutério, 202, paginação irregular), como descreve reportagem do Correio Brasiliense. A predominância foi de artistas da tradição da canção popular brasileira ligada ao samba à bossa-nova e ao pop dos anos 1980, como Martinho da Vila, Jards Macalé, Zélia Duncan, Chico César, Fernanda Takai, Fernanda Abreu, dentre outros nomes.

O crítico musical Gustavo Alonso chamou atenção para a ausência de representantes da música sertaneja no palco do Festival. Não por acaso, muitos desses artistas manifestaram sua preferência por Bolsonaro nas eleições. “Tratar os sertanejos em bloco, como se eles fossem todos reacionários bolsonaristas, é o primeiro erro da festa da Janja”, escreve, na Folha de São Paulo, o crítico musical Gustavo Alonso (2023), lembrando representantes desse estilo musical que manifestaram apoio à Lula e alguns ligados à estética Queer, como Gabriel Felizardo.

Duplo desafio para ampliação dos espaços de identificação simbólica com o novo governo. O primeiro, de algum modo, mais fácil, reconectar os fios da brasilidade mestiça e cosmopolita, de vertente antropofágica-tropicalista. O segundo criar espaços de diálogos e aproximação com setores populares que ajudaram a sustentar o projeto de poder de Bolsonaro, mas enfrentam, agora, diferentes

níveis de desilusão. Não são os segmentos de classe média conservadora que acamparam na frente dos quartéis e tramaram, com a convivência de militares, a tentativa de golpe, mas aqueles que não se reconhecem nas promessas de nosso modernismo cultural, como se sabe não cumpridas no espaço entre o real da canção e o real histórico.

Na defesa pela necessidade de aumentar o arco das identificações éticas/estéticas em torno da defesa da democracia, representada pela vitória de Lula, Bosco (2023) reconhece a atitude de Caetano Veloso (2019) em gravar o hino gospel “Deus Cuida de Mim”, canção do pastor Kleber Lucas, lançada em 1999 e muito popular nos cultos pelo Brasil. A letra parece ser sintomática; “eu preciso aprender um pouco aqui, eu preciso aprender um pouco ali”. Em vídeo de apresentação da nova gravação, vemos o pastor Kleber se emocionar ao lembrar da influência das canções de Caetano em sua formação musical, ao mesmo tempo em que enfatiza a importância do ambiente da igreja que lhe deu as condições para aperfeiçoar sua musicalidade.

O choro do pastor Kleber parece indicar a complexidade do fenômeno e a necessidade de separar o joio do trigo, diante do crescimento das igrejas neopentecostais como espaços de formação cidadã. Heloisa Buarque de Hollanda (2019) propõe, a partir de sua experiência no projeto da Universidade das Quebradas, uma diferenciação entre a religião evangélica e a cultura evangélica. “Cultura evangélica é a cultura do testemunho, a cultura da prosperidade. A coisa mais comum entre os participantes da Universidade das Quebradas é a narração de vida” (Hollanda, 2019, p. 31). A demanda pelas narrativas de vida é um traço indicativo da ausência de canais de expressão e escuta para as demandas populares, em nosso processo histórico. A difusão das tecnologias midiáticas em redes interconectadas contribuiu para essa ampliação, assim como a política de cotas nas universidades públicas, ampliando os enquadramentos teóricos e temáticos das questões que emergiram nos últimos anos no Brasil.

O reconhecimento do saber poder da cultura evangélica como força popular brasileira - um fenômeno que vem se intensificando desde o final do século passado - convive, por vezes de forma tensa, com a tradição da cultura popular que nos legou o samba. É dos diálogos possíveis entre esses dois universos que depende uma maior integração do projeto progressista em curso para uma possível festa do futuro. Essa integração, inclusive, aponta para a necessidade de um equilíbrio entre a busca pela cidadania (da qual a cultura evangélica é um sintoma) e a força cultural modernista brasileira (potente na sua linguagem artística, mas incapaz de quebrar as resistências políticas para a criação de um país menos injusto), que isso tenha se dado, como metonímia, no gesto de Caetano Veloso, assinala a assimilação tropicalista como ingrediente político contemporâneo. Os regimes de enunciabilidade e visibilidade propostos nos primeiros dias de Governo Lula apontam para esse projeto de integração, gestos de abertura de um lado e outro que possam desenhar um novo imaginário de nação, a partir de uma revisão das tradições e crítica aos erros passados.

3 APONTAMENTOS FINAIS

A nossa proposta nesse artigo foi recortar alguns acontecimentos na posse de Lula à presidência em 2023, interpretados na chave dos regimes de enunciabilidade e visibilidade, a partir da leitura empreendida por Deleuze (2017) da Arqueologia do Saber (Foucault, 2004). As estratégias discursivas de dar visibilidade aos invisibilizados no processo histórico ocorreu, em parte, pela retomada, no fio do discurso, da brasilidade cultural. Os atos terroristas de 8 de janeiro, entretanto, funcionaram como um contraponto às comemorações, indicando um mal-estar em relação à cultura e aos símbolos das obras de arte modernistas vandalizadas. Assim, procuramos discutir a relação entre as forças simbólicas do campo cultural e as subjetividades políticas, procurando analisar os possíveis diálogos para fortalecimento do campo progressista e defesa da democracia, considerando os ataques que vem recebendo nos últimos anos, a partir das forças políticas reacionárias representadas pelo Governo Bolsonaro.

O nosso referencial de análise é o arquivo foucaultiano, um conceito que procura fazer trabalhar as formações históricas e os regimes de visibilidade e enunciabilidade. Há, ao menos, três grandes forças simbólicas no jogo de espelhamento entre os processos de subjetivação política e o campo cultural no arquivo de brasilidade contemporâneo: a matriz da cultura caipira/sertaneja, a da cultura evangélica, a da tropicalista, antropofágica, modernista. Não se trata, porém, de polos isolados, há intersecções, gradações, entre uma e outra matriz cultural, da mesma forma que toda tentativa taxinômica restringe a complexidade dos fenômenos culturais. É preciso, por exemplo, considerar a cultura periférica do hip hop e do rap, as manifestações regionais, dentre outros elementos.

O campo discursivo envolvido na canção sertaneja, por exemplo, compreende uma matriz da cultura caipira, no sentido dado por Darcy Ribeiro (2006) e que também se faz presente em *Parceiros do Rio Bonito* de Antônio Cândido (2001). O tipo de associação pré-capitalista como fundamento dessa cultura, baseada nos laços de solidariedade e das trocas. A canção sertaneja contemporânea, na sua diversidade, é próxima da cultura do agronegócio, com sua pujança econômica do capitalismo avançado, certa importação de modelos americanos, presentes, por exemplo, nas festas do peão, como a de Barretos. O quanto há de resistência dessa matriz da cultura caipira é o campo de interseção possível com uma proposta de valorização dos núcleos quilombolas, de fortalecimento da agricultura familiar e de modelos que considerem as questões de sustentabilidade (preservação de reservas indígenas e ambientais) e da crise do antropoceno².

Em relação a cultura evangélica (Holanda, 2019) é preciso considerar os processos de construção de cidadania, de fortalecimento de laços comunitários, onde o estado falhou, mas também as formações históricas do reacionarismo. As políticas públicas que sejam capazes de definir instrumentos de cidadania- educação, segurança e renda para as populações periféricas podem encontrar campos de diálogo interessantes com a cultura evangélica, inclusive buscando reduzir os efeitos perversos do uso da fé para manipulação e atividades criminosas.

O projeto de assimilação tropicalista, lido em lentes estéticas e políticas, pode ser um referencial para o equilíbrio gingado, entre tantos desafios, e diz respeito ao reencontro com uma brasilidade moderna e inclusiva, que foi, talvez, a grande ameaça dos anos Bolsonaro, cujo fio foi retomado, de um lado, nas visibilidades e enunciabilidades da posse de Lula e, de outro, na força da lei para a preservação da democracia, diante do ataque aos três poderes. A linha de força simbólica da modernidade encontra no pragmatismo da ação política, a condição para transpor o real da linguagem para o real da história, na construção de uma pauta que nos defenda dos erros históricos e nos coloquem no século XXI.

A intensidade dos acontecimentos nos primeiros dias do governo Lula dialogou com essas questões, um tanto porque elas veem de nosso passado, um tanto porque apontam para o futuro. O quanto é preciso o florescimento, no campo cultural de nossas representações no arquivo de brasilidade, em gestos de potência cultural – e também social- estão entre os elementos intangíveis do governo Lula. É preciso rebrotar, em outra chave, a tríplice dimensão da cultura defendida por Gilberto Gil em sua passagem pelo ministério no primeiro governo lula (Carvalho, 2015). Uma força econômica, simbólica e cidadã, mas agora atravessada pela crise do antropoceno, pela demanda dos saberes dos povos tradicionais (alçados à condição institucional de um Ministério). Ao mesmo tempo, as marcas da violência e da expressão reacionária da brasilidade continuam a nos desafiar. Em seu pragmatismo, Lula procura falar para o mundo e reunimos, como poucas vezes, as condições para um projeto que caminhe na reparação de danos históricos aos mais pobres e a busca de outra relação econômica, simbólica e cidadã.

REFERÊNCIAS

AB'SABER, T. *O Soldado Antropofágico: Escravidão e não pensamento no Brasil*. São Paulo: n-1 Hedra, 2022.

AB'SABER, T. A voz de Lula. *Revista Serrote*, São Paulo, n.10, 2012. Disponível em: <https://www.revistaserrote.com.br/2012/03/a-voz-de-lula-por-tales-absaber/>. Acesso em: 30 jan. 2023

ALMEIDA, S. *Discurso de posse no Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania no Brasil*. Brasília, 2023. Disponível em: <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2023/janeiro/DiscursodepossedoMinistroSilvioAlmeidapdf.pdf>. Acesso em: 30 jan. 2023

² Nesse sentido, cumpre observar o sucesso da novela global *Pantanal*, que buscou, de um ponto de vista mercadológico e cultural, chamar a atenção para a construção de uma mudança no imaginário do agronegócio, introduzindo o diálogo com a tradição pantaneira e também com as questões ambientais.

ALONSO, G. Show da posse de Lula ignorou o Sertanejo, gênero mais popular do Brasil, São Paulo, 6 de janeiro de 2023. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/gustavo-alonso/2023/01/show-da-posse-de-lula-ignorou-o-sertanejo-genero-mais-popular-do-brasil.shtml>. Acesso em :30 jan. 2023.

BUARQUE, Chico de Holanda. Que tal um Samba: youtube, 2022. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=PAOIVZei-b4>. Acesso em: 11 abr. 2024.

CANDIDO, A. *Os Parceiros do Rio Bonito*: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. Editora 34: São Paulo, 2001.

BARBERO, J. M. *Dos meios às mediações*: comunicação, cultura e hegemonia. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2021.

BOAVENTURA DE SOUZA CAMPOS. O Futuro chegou depressa. *Blogdaboitempo*. São Paulo, 27 de janeiro de 2023. Disponível em: <https://blogdaboitempo.com.br/2023/01/27/o-futuro-chegou-depressa/>. Acesso em: 31/03/2023.

BOSCO, F. Prefácio: em busca do comum. In: AB'SABER, T. *O soldado antropofágico*; Escravidão e não pensamento no Brasil. São Paulo: N-1 Hedra, 2022.

BOSCO, F. Bolsonarista mijam com Deus sobre a cultura brasileira. Folha de São Paulo, São Paulo, 14 de janeiro de 2023, disponível em https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2023/01/bolsonaristas-mijam-com-deus-sobre-a-cultura-brasileira.shtml?pwgt=kq4hjrazn1t6thvzv5pzkh9nbnixdth6e3113iztrmoffthe&utm_source=whatsapp&utm_medium=social&utm_campaign=compwagif. Acesso em 30/01/2023

CARVALHO, P. H. V. *A Voz que Canta na Voz que fala*: poética e política na trajetória de Gilberto Gil. Cotia: São Paulo, Ateliê Editorial, Aracaju-Se: Editora Universitária Tiradentes, 2015.

DELEUZE, G. *Michel Foucault*: as formações históricas. Vols 1 ao 8. Tradução Cláudio Medeiros e Mário A. Marino. São Paulo: n-1 edições, 2017.

ELEUTÉRIO, Julia. et all. Artistas fazem noite e madrugada histórica com shows no festival do futuro. **Correio Brasiliense**. Janeiro de 2023. Disponível em <https://www.correiobraziliense.com.br/politica/2023/01/5063146-artistas-fazem-noite-e-madrugada-historica-com-shows-no-festival-do-futuro.html>

FAVORETO, C. O Tropicalismo e a crítica da canção. *Revista USP*, [S. l.], n. 111, p. 117–124, 2016. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/127606>. Acesso em: 10 abr. 2024.

FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. (org.). *Michel Foucault*: uma trajetória filosófica para além do estruturalismo e da hermenêutica. Tradução de Vera Porto Carrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 231- 249.

FOUCAULT, M. *A Arqueologia do Saber*. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, M. *A Ordem do Discurso*. 10. ed. São Paulo, Loyola, 2004a.

FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*: História da violência nas prisões. Trad. de Raquel Ramallete. 35.ed. Petrópolis: Rio de Janeiro. Vozes, 2008.

HOLANDA, H. B. DE. *Onde é que eu estou?* Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

LULA, Luiz Inácio. Sobre 08/01:”eu não via soldado, só gente entrando. Entrevista concedida a Natuza Nery. **G1**, política. Janeiro/2023. Disponível em <https://g1.globo.com/politica/playlist/videos-lula-da-entrevista-a-natuza-nerly.ghtml>. Acesso em 11 abr. 2024.

RIBEIRO, D. *O Povo Brasileiro: A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L.; LOBO- HADDOCK, R. *Arruaças: uma filosofia popular brasileira*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

TATIT, L. *O Século da Canção*. Cotia: Ateliê Editorial, 2004.

VELOSO, Caetano. Sem samba não dá: Youtube, 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=INQKKHI2a9w>. Acesso em: 11 abr. 2024.

VELOSO, Caetano. Caetano Veloso entrevista Kleber Lucas, Leonardo Gonçalves, AD Junior e Juliano Spyer: Youtube, 2022. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=nzawj1QUAeE>. Acesso em: 11 abr. 2024.



Recebido em 27/02/2024. Aceito em 12 abr. 2024.